

Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”

Thiago Rodrigues Tavares*

RESUMO:

O presente artigo busca compreender as diferentes atitudes diante da morte e as formas de bem morrer no catolicismo e seu processo histórico. Os rituais relacionados aos mortos identificados como ritos de passagens adquirem significados expressivos onde a morte é vista como momento de transição. A partir de um estudo bibliográfico pretendemos analisar a construção social do “bem morrer” e apontar suas transformações nas sociedades ocidentais pré-industriais chegando até a sociedade moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Catolicismo. Ritual de passagem.

ABSTRACT:

The present article seeks to understand the different attitudes in face of death and the forms of well dying in Catholicism and its historical process. The death related rituals identified as rites of passage acquire expressive meanings where death is seen as a moment of transition. Starting from a bibliographic study we intend to analyse the social construction of the “well dying” and point its transformations from pre-industrial occidental societies to the modern society.

KEY-WORDS: Death. Catholicism. Rites of passage.

INTRODUÇÃO

Os funerais têm mais a ver com os vivos do que com os mortos.

RADCLIFFE-BROWN

Muitos são os autores que retratam a morte nas mais diversas sociedades – tradicionais, pré-industriais ou modernas –, dentre esses autores podemos destacar: historiadores, antropólogos e sociólogos tanto no exterior como no Brasil¹. Em seus livros apresentam a preocupação das pessoas em buscar uma forma de “bem morrer” ou apontam as

*Thiago Rodrigues Tavares (thiagor.tavares@yahoo.com.br) é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

1Ariès(1977); Reis(1991,1997); Rodrigues(1983); Elias(2001).

atitudes dos vivos frente aos mortos, apresentando as maneiras nas quais eles cultuam e ritualizam a morte, na preocupação de que o morto, sendo ele um parente ou um amigo, conclua seu caminho e chegue ao seu destino final, realizando para isso rituais ricos em signos e símbolos coletivos. Para os católicos, a morte é uma passagem. Segundo o padre Paulo Crozera, coordenador da pastoral Universitária da PUC-Campinas, "Não existem mortos, mas vivos e ressuscitados. O Senhor nos toca e nos reerguemos para a vida eterna"².

Durante a idade média e meados do século XVIII, havia uma relação de proximidade entre vivos e mortos na Europa. A morte era pública e o morrer em casa, próximo a familiares e amigos, era o essencial. No Brasil colonial acontecia da mesma forma, a morte era vista. As pessoas eram veladas em casa e enterradas nas cercanias das igrejas em solo sagrado pertencente as suas irmandades, estando assim mais próximo de Deus e da salvação eterna. Os cortejos fúnebres cortavam a cidade, quanto mais influente e rico o defunto, maior a pompa e o número de pessoas nos seu funeral.

A Igreja Católica fornecia manuais³ com as formas de “bem morrer”, que tinham como objetivo organizar um imaginário social fundamentado pelo temor acerca da morte. Desta forma, o medo da morte era uma aprendizagem diária, a Igreja transmitia aos seus fiéis a possibilidade de salvarem ou não suas almas, de acordo com certas atitudes. O padre português Bernardo Queirós recomendava em seu manual publicado em 1802, que os católicos na hora da morte não esquecessem de seus parentes mais necessitados e também aconselhava que não morresse deixando qualquer bem indevidamente adquirido (REIS, 1991).

Outra atitude necessária para uma boa morte era através das orações, para se protegerem ou protegerem seus entes queridos, os católicos rezavam para São José. Este é no catolicismo o padroeiro da boa morte, pois no momento de sua morte teriam estado ao seu lado Jesus e Maria. A oração a seguir representa a devoção a São José e a preocupação dos católicos em seus momentos finais:

São José,
que morrestes nos braços de Jesus e Maria,
meu amável protetor,
socorrei-me em todas as necessidades
e perigos da vida,
mas principalmente na hora suprema,
vindo suavizar minhas dores,
enxugar minhas lágrimas,

²<http://www.cejxxiii.com.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=82>
³CASTRO. Estevão de. Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um cristão.

fechar suavemente meus olhos,
enquanto pronunciar
os dulcíssimos nomes:
Jesus, Maria, José,
salvai a minha alma.
Amém.⁴

Com o passar dos anos as atitudes diante da morte e do morto foram mudando. A partir do desenvolvimento da medicina, do processo de modernização e racionalização da sociedade a visão sobre a morte foi se transformando, saindo do público em direção ao privado e ganhando uma forma mais individualista. Como lembra Nobert Elias (2001), o tratamento dado aos cadáveres e o cuidado com as sepulturas eram atividades realizadas pelas famílias e agora passaram a ser realizadas por especialistas remunerados.

Nas páginas a seguir buscaremos indicar as transformações nas formas de se preocupar com o “bem morrer” e de ritualizar a morte. Porém é necessário definir o que seria uma “boa morte”. Esta modificou-se com o passar dos séculos, mas devemos relacioná-la com as atitudes diante da morte, com as preocupações que as pessoas tinham em relação a forma na qual seriam tratadas após a morte, as formas de “bem morrer” estão ligadas a todas as vontades, os desejos do moribundo (recebimento da extrema-unção, realização de rituais de passagem para o “Além”, escolha do local de seu sepultamento) e também a seus medos (durante muito tempo a boa morte significava em não morrer de maneira súbita). Veremos que inicialmente não se temia a morte e ela era tida como algo muito simples, depois foi se transformando, ganhando pompas e rituais mais expressivos, chegando até os rituais atuais.

Através da bibliografia levantada sobre o tema, o objetivo será apontar e entender as atitudes diante da morte, suas transformações e as relações que envolvem o moribundo ou o morto com o restante da sociedade. As diferentes formas de se conquistar uma “boa morte” e as atitudes diante os mortos não são mais as mesmas, se transformaram. Mas quais foram os motivos que levaram a essa transformação? Por que considerar a morte no catolicismo como um ritual de passagem? Como se deu o processo histórico da morte com suas formas de bem morrer em países católicos? Como se dá o comportamento diante da morte na sociedade moderna?

1 MORTE: UM RITUAL DE PASSAGEM

A morte no catolicismo é concebida como uma passagem de um mundo para outro,

⁴<http://www.arautos.org/artigo/7368/Oracao-para-pedir-a-boa-morte.html>

havendo obrigações entre vivos e mortos, estes últimos estando num momento de liminaridade. O indivíduo deve se preparar para a morte, e após o seu acontecimento cabe aos vivos a preparação do ritual de passagem que proporcione a transição tranquila do morto que em espírito deverá seguir em direção ao seu destino final, para uma outra vida. Desta forma, a posição social e o futuro do morto são incertas e causam dúvidas, pois:

o morto tem posição ambígua: ao mesmo tempo que está entre os vivos – iguala-se aos mortais em presença – está partindo para ser diferente dos que ficam (na qualidade de ancestral). O cadáver está em uma situação marginal, deslocado e excluído do padrão social; seu status é indefinível. Seu futuro também é ambíguo (lugares misteriosos), tanto “céu” quanto “inferno” são lugares que não existem concretamente. (DOUGLAS apud SURERUS, 1997, p. 23).

Para entender a posição social do morto e o seu estado liminar, é necessário compreender o que são momentos de liminaridade. O período de liminaridade (“antiestrutura”) faz parte dos rituais de crise de vida ou dramas sociais, são momentos de grande importância para o desenvolvimento social do indivíduo, o nascimento, a puberdade, a morte e cerimônias como o casamento e o batismo, são exemplos destes rituais que marcam a transição de uma fase da vida ou de um status social para outro. Estes momentos de dramas sociais não dizem respeito somente ao indivíduo que ocupa o lugar central no ritual, mas também acarreta mudanças nas relações das pessoas que estejam fortemente ligadas a ele por algum tipo de vínculo, seja ele sanguíneo, matrimonial ou político (TURNER, 2005).

Para compreender o ritual de passagem é obrigatória a leitura de Arnold Van Gennep (1978) e Victor Turner (1974). Para o primeiro, rituais de passagem seriam todos “os ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade”. Tais rituais de “transição” apresentariam três fases: 1) separação ou ruptura – fase inicial, compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo ou do grupo; 2) margem ou liminar – durante esse período o estado do indivíduo é ambíguo, um espaço de trânsito, ocorrendo a suspensão de papéis; 3) agregação ou reintegração – o indivíduo volta a estar na condição estável, com direitos e deveres definidos. Van Gennep foi referência para Turner, que desenvolveu um novo modelo de estudo dos rituais de passagem, composto por quatro fases: 1) separação ou ruptura - quebra de algum relacionamento considerado crucial por parte do grupo social 2) crise e intensificação da crise - aponta para a fragmentação do grupo 3) ação remediadora - consiste na tentativa de reconciliação ou ajustes entre os grupos envolvidos e 4) reintegração, desfecho final, que pode ser trágico (levando à total divisão social), ou fortalecer a estrutura (SILVA, 2005, p. 37).

Dessa forma, segundo a teoria de Turner a sociedade está dividida em dois momentos: a estrutura (realidade cotidiana, modelo básico de sociedade) e a "antiestrutura" (momentos extraordinários). A estrutura institui a "antiestrutura". A sociedade na tentativa de lidar com suas crises estabelece as "communitas", período liminar, no qual as pessoas e até mesmo grupos representam, simbolicamente, papéis que correspondem a uma posição invertida em relação ao status que habitualmente possuem, é o momento no qual se situam em *betwixt and between*⁵. Segundo Silva (2005), posteriormente a "antiestrutura" tende a contribuir para a revitalização da própria estrutura social.

Nesse contexto, as cerimônias funerárias fazem parte de ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação destes últimos a seu destino no "Além". Os rituais funerários são mais elaborados e adquirem significados expressivos em sociedades onde a morte é vista como momento de transição, onde o morto é agregado ao mundo dos mortos:

as pessoas para quem não se observam os ritos funerários são condenadas a uma penosa existência, pois nunca podem entrar no mundo dos mortos ou se incorporar a sociedade lá estabelecida. Estes são os mais perigosos dos mortos. Eles desejam ser reincorporados ao mundo dos vivos, e, porque não podem sê-lo, se comportam em relação a eles como forasteiros hostis. Eles carecem dos meios de subsistência que os outros mortos encontram em seu próprio mundo e conseqüentemente devem obtê-los à custa dos vivos. Ademais, estes mortos sem lugar ou casa às vezes possuem um desejo intenso de vingança. (GENNEP apud REIS, 1991, p.89).

Nesse momento de liminaridade, devem haver preocupações tais como a cerimônias de purificação, sepultamento, garantia de extrema-unção e missas pela alma (como as missas de 7º dia, de 30 dias e de 1 ano). Também é importante lembrarmos do dia de finados, dia instituído para visitar e rezar pelas almas dos mortos, sobretudo as almas do purgatório, sublinhando simultaneamente sua posição hierárquica mais baixa do que a das almas no céu, e a ativa "communitas" dos vivos, que pede aos santos para intercederem por aqueles que sofrem a aprovação liminar no purgatório (TURNER, 1974). O purgatório é o local para purificação das almas dos que morreram em estado de graça⁶. Para dele escapar mais rapidamente, além do arrependimento na hora da morte, os mortos precisavam da ajuda dos vivos na forma de missas e promessas a santos (REIS, 1997).

Assim como foi observado por Durkheim, sobre a necessidade social da existência de

⁵Termo utilizado por Victor Turner, podendo significar: "aquém e além de dos pontos fixos", "entre dois mundos", "entre e entrementes" e no coloquial "nem lá nem cá".

⁶A graça representaria um dom universal dado por Deus, para as pessoas satisfazerem suas necessidades espirituais ou materiais e também para tornassem filhos de Deus e "participantes da natureza divina, da vida eterna".

uma religião, dificilmente encontraremos uma sociedade que não apresente algum tipo de ritual funerário ou culto ao morto. A preocupação com uma “boa morte” ou com algo semelhante poderá ser encontrada em qualquer tipo de civilização, seja ela elementar ou moderna, toda sociedade precisa de um sistema de símbolos para se manter unida. Após conceituar a morte como um ritual de passagem, teremos como objetivo apontar as diferentes formas de pensar e de preparar-se para a morte durante a história do “mundo católico”. Possivelmente as concepções foram mudando conforme o avanço da racionalização. No próximo capítulo teremos como objetivo mostrar como se desenvolveu o pensamento em torno do “bem morrer” nas sociedades pré-industriais, no ocidente.

2 AS FORMAS DE BEM MORRER NO OCIDENTE CATÓLICO

A consciência da morte está ligada à domesticação, à vida em sociedade humanamente organizada. O homem tem consciência de que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera. A consciência da morte é uma marca da humanidade, um produto das relações sociais. As imagens que os cristãos se fizeram da morte, da vida e da imortalidade variaram no tempo (RODRIGUES, 1983, p. 116).

O momento da morte é carregado por um rico e complexo ritual, que remete a vida coletiva e suas transformações. A “boa morte” e os sentimentos ao seu redor são ritualizados e socialmente propostos. (ARIÈS, 1977, RODRIGUES, 1983).

A morte é um produto da história, contendo mudanças que embora lentas sempre existiram. No início da idade média as cerimônias funerárias apresentavam um caráter mais civil, eminentemente leigo e com elementos pagãos, mas com o passar dos séculos a Igreja Católica definiu maior participação nas cerimônias fúnebres e os funerais se tornaram cada vez menos civis e cada vez religiosos. A partir de agora iremos observar tais modificações no ocidente católico.

2.1 Europa: o processo histórico das atitudes diante da morte

O tema da morte no ocidente foi muito bem trabalhado pelo historiador francês Philippe Ariès (1977). No livro “História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias atuais” o autor traça o processo histórico das atitudes diante da morte, o que é extremamente necessário para que possamos compreender as formas de bem morrer para os católicos. É válido lembrar que o livro está se referindo à Europa e principalmente à França,

portanto, algumas das conclusões feitas por Ariès podem não ser encontradas em outros países, mesmo naqueles em que catolicismo tenha grande influência como o Brasil.

O estudo de Philippe Ariès começa na idade média chegando ao século XX. Ele observa que durante esse período as atitudes diante da morte foram se modificando e de acordo com tais mudanças as denominou da seguinte forma: morte domada, morte de si mesmo, morte do outro e morte interdita.

Na primeira fase da idade média o autor observa que a morte era simples, uma cerimônia pública e organizada. As pessoas tinham consciência de quando iam morrer, seja por signos naturais ou por convicções íntimas. Para que ocorresse uma “boa morte” era necessário esperar a morte no leito, as pessoas se preparavam para recebê-la como se preparavam para dormir. No quarto do enfermo era importante a presença de parentes, amigos e vizinhos. O detestável nessa época era morrer em segredo, sozinho, inesperadamente e sem cerimonial. O próprio moribundo organizava a cerimônia, não havia caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. Após a morte começavam as exéquias⁷, que eram compostas de quatro partes: 1) luto – as manifestações de dor apareciam logo após a morte, o único momento dramático do ritual; 2) absolvição geral dos pecados – reduzia-se a uma repetição da absolvição dada em vida; 3) cortejo – submetido a algumas regras com um certo itinerário, certas paradas ou pequenas demoras, acompanhado por parentes e amigos; 4) enterro – muito breve e sem solenidade, era necessário ter uma nova absolvição geral. Os corpos eram confiados a igreja e deveriam ser mantidos dentro dos limites sagrados (dentro das igrejas, próximo ao altar ou das imagens dos santos e nos cemitérios que ficavam nos arredores das igrejas). Esse período ficou conhecido como morte domada.

Já na segunda fase da idade média, a partir do século XI e XII, começam a surgir modificações sutis nas atitudes diante da morte. As cerimônias são basicamente as mesmas, mas existe a preocupação do que irá acontecer após a morte. Ninguém mais estava seguro da salvação, o episódio da morte se transforma na encenação de um tribunal onde o céu e o inferno desceram ao quarto do moribundo, cada acontecimento da vida será pesado na balança do bem e do mal (RODRIGUES, 1983). Durante o velório, monges recitam o ofício dos mortos e passam a ocorrer missas de corpo presente – antes do enterro o corpo passa a ser colocado diante o altar das igrejas, ali ocorrem missas cantadas em intenção do falecido. O cortejo tem a presença não só de amigos e parentes, mas de figurantes, clérigos, religiosos e leigos. A partir desse momento é preciso prevenir-se para o “Além” com garantias espirituais,

⁷Cerimônias fúnebres pomposas.

e são necessários rituais de absolvição e orações. Os testamentos se tornam um meio religioso no qual o homem pode garantir missas, preces e atos de caridade, doando seus bens. Período denominado a morte de si mesmo.

Foi também durante esse período que começaram a ocorrer diferenciações entre os funerais de ricos e pobres. Quanto mais rico e poderoso o defunto, mais padres, monges e pobres haviam em seu cortejo. A partir do século XVI as confrarias, que tinham como objetivo praticar todos os tipos de caridade, passam também a dar assistência nas exéquias, os associados passam a contar com as preces feitas pelos confrades e a ter um cortejo fúnebre com um maior número de pessoas.

O período entre o início do século XVIII a meados do século XIX será conhecido como a morte do outro. A morte passa a ser exaltada e dramatizada, não desejável, mas admirável por sua beleza – morte romântica. Aqui iremos encontrar um ritual agitado pela emoção. Deve-se suplicar, gesticular e chorar pelo morto. A cena da morte deixa de apresentar a serenidade dos séculos anteriores, os últimos adeuses são agora dilacerantes, uma emoção quase incontrolável aflige os espectadores. Existe a necessidade de exibir a dor, de mostrá-la à comunidade (RODRIGUES, 1983). Nos períodos anteriores, a morte provocava tristeza, mas esta era perfeitamente controlada. O luto romântico remete a dificuldade dos que sobrevivem em aceitar a morte do próximo. Em meados do século XVIII surge a preocupação dos médicos higienistas quanto a proximidade de vivos e mortos. Nesse momento começa a ocorrer a “medicalização” da morte, os médicos passam a substituir os homens da igreja na cabeceira dos moribundos, junto deles apenas familiares mais próximos e amigos íntimos. A morte no leito é menos pública. Outra mudança se dá no local dos enterros, sob impulso de uma ideologia higienista inicia-se a laicização dos cemitérios e sua separação das igrejas, os mortos passam a ser retirados das igrejas e transferidos para cemitérios fora dos centros urbanos. A medicalização é um dos fatores que vai provocar as maiores mudanças das atitudes em torno da morte, veremos que na segunda metade do século XIX, muda-se a imagem da morte. A partir de então o decoro proíbe toda referência à morte. É morbida, faz-se de conta que não existe, existem apenas pessoas que desaparecem e das quais não se fala mais – talvez se fale um dia, bem depois do acontecido, quando se tiver esquecido que morreram (ARIÈS, 1977).

A partir da metade do século XIX até os dias atuais o ritual em torno da morte é chamado de morte interdita. As imagens da morte são cada vez mais raras, um fato familiar no passado começa a desaparecer. Inicialmente a proximidade da morte já não é mais contada ao enfermo ou moribundo, este passa a ser poupado de tal dor. A morte em casa passa a ser rara,

morre-se no hospital local onde são prestados os cuidados que já não podem ser prestados em casa. O hospital esconde os aspectos repugnantes da enfermidade. Antes a presença de familiares e amigos no leito do moribundo era imprescindível, hoje em dia já não é mais possível, deve-se respeitar o silêncio e evitar a contaminação nos hospitais, este é um local para especialistas. A morte já não é um fenômeno natural e, sim, fracasso, impotência ou imperícia; por isso, deve ser ocultada (SURERUS, 1997). O morto foi privado de seus direitos. Não tem o direito de saber que vai morrer, os que estão ao seu lado escondem-lhe a verdade até o fim, e dele dispõem – para seu próprio bem. Tudo se passa como se ninguém soubesse que alguém vai morrer, nem os familiares mais próximos nem o médico e nem mesmo o padre (quando é possível sua presença), quando então um subterfúgio permiti-lhe que venha sem maiores danos. As atitudes diante da morte mudaram, os moribundos passam a não ter mais desejos. Philippe Ariès resume bem esse sentimento nessa passagem:

Acometido de leucemia, perfeitamente consciente de seu estado e vendo sua morte se aproximar-se, com coragem, lucidez e calma colaborou com o pessoal do hospital para onde foi enviado. Fora convencido pelo professor que o tratava que, levando em conta seu estado desesperador, nenhum tratamento “de choque” seria empreendido para fazê-lo sobreviver. Durante um final de semana, vendo agravar-se o mal, um interno mandou transportá-lo a um outro hospital, em serviço de reanimação (o poder). Lá, foi terrível. A última vez que o vi, através do vidro de um quarto esterilizado e só podendo falar-lhe pelo interfone, jazia num leito de rodas, com dois tubos inalatórios nas narinas e um tubo expiratório que lhe fechava a boca, não sei que aparelho para manter-lhe o coração, um braço com soro, outro com transfusão e na perna o sustentáculo do rim artificial. “Sei que você não pode falar... Fico aqui a lhe fazer companhia alguns instantes...” Vi então o Pe. De Dainville puxar seus braços presos e arrancar sua máscara respiratória. Disse-me aquelas que foram, acredito, suas últimas palavras antes de entrar em coma: “Estão privando-me de minha morte”. (ARIÈS, 1977, p. 167).

A morte modificou-se durante os séculos, mas de maneira muito lenta, distribuída por várias gerações. Fazendo assim com que as pessoas mal possam percebê-las. Conhecida as mudanças nas atitudes diante da morte de acordo com o resgate histórico proporcionado por Ariès partimos especificamente para o que encontramos no Brasil sobre o tema.

2.2 Brasil: a morte no período colonial

A concepção de uma boa morte foi amplamente difundida durante o período colonial brasileiro. A morte não era tida como o fim da vida, mas como uma passagem, onde o espírito partiria para uma outra vida. Assim como foi na Europa católica existia também no Brasil a preocupação com a pós-morte. Os rituais de passagem, o destino da alma e o local do

sepultamento estavam presentes no cotidiano dos brasileiros. As cerimônias e a simbologia que envolviam a morte eram produzidas para promover uma boa viagem para o outro mundo (REIS, 1997).

A morte era vista. As pessoas eram veladas em casa e enterradas em solo sagrado, nas cercanias das igrejas – muitas vezes pertencentes as suas irmandades⁸, estando assim mais próximo de Deus e da salvação eterna. Os cortejos fúnebres cortavam a cidade, as casas se iluminavam com lanternas e castiçais, os acompanhantes levavam tocheiros acesos e cantavam rezas apropriadas à ocasião (MORAES FILHO apud REIS, 1991, p.104).

Durante esse período as pessoas se preparavam para a morte, dessa forma, tentavam evitar que ela ocorresse de forma abrupta. Para se ter um “bem morrer” era necessário prestar contas aos que continuavam em vida, e dar instruções de como seu corpo deveria ser tratado após sua morte.

Uma das maneiras de se preparar para a boa morte era através do testamento. Através dele os indivíduos podiam preparar o seu ritual fúnebre e também demonstrar seus arrependimentos, doavam seus bens, realizavam atos de caridade, garantiam missas pela sua alma e algumas vezes tentavam arrumar a vida de pessoas próximas ou reparar erros cometidos em vida. Um bom exemplo no Brasil oitocentista são os testamentos nos quais senhores de escravos reconhecem seus filhos bastardos. A hora da morte não era o momento de mentiras, pois a realidade não poderia ser escondida na hora do julgamento de Deus.

A boa morte não poderia acontecer de maneira solitária. O moribundo não ficava isolado num quarto de hospital. Esperava-se a morte em casa, cercado por familiares, amigos, vizinhos, padres e rezadeiras. Esse era um momento público que por vezes tinha a presença não só de conhecidos, mas também de desconhecidos. A morte era uma manifestação social (REIS, 1997).

Sempre que possível os moribundos recebiam os sacramentos da igreja. Padres se dirigiam ao local onde encontrava-se o enfermo e ministravam a comunhão e a extrema unção. Tais sacramentos tinham como objetivo perdoar os pecados pendentes do indivíduo.

8Os primeiros homens a migrar para Minas Gerais, foram atraídos pela ilusão da riqueza fácil, este período inicial foi marcado por um clima de insegurança e instabilidade, tendo os homens, a característica de aventureiro. “O Estado, no princípio, não estabeleceu, em linhas precisas, uma política para região”, mesmo assim, proibiu a entrada de religiosos regulares, alegando que eles eram responsáveis pelo extravio de ouro e por insuflar a população a não pagar os impostos. Dessa forma, a vida religiosa em Minas Gerais passou a ser acionada pelas associações leigas (Irmandades), estas eram destinadas a agremiar fiéis de todas as raças e condições sociais, que a ela quisessem pertencer. O termo irmandade tem sentido genérico, sendo sinônimo de confraria, arquiconfraria e ordem terceira. De acordo com Fritz Teixeira de Salles, as irmandades religiosas constituíram a mais viva expressão social da capitania, da Província e mesmo do Estado (BOSCHI, 1986).

Na hora da morte punha-se na mão do moribundo uma vela acesa para que fosse ao encontro de Deus como “filho da luz” liberto das trevas do pecado pela comunhão eucarística recebida como viático, isto é, como provisão espiritual e mística da viagem para eternidade. A ministração da extrema-unção, agora designada como sacramento dos enfermos destinado a lhe tirar o sentido agourento tão temido, completava as condições do trânsito para o outro mundo... Fechar os olhos do recém-falecido, juntar-lhe as mãos segurando um crucifixo ou rosário, estender-lhe as pernas, vesti-lo com uma roupa formal, preta ou escura, cobrir-lhe o rosto com lenço eram outros gestos desse rito de passagem... Abriam-se as portas e as janelas para “facilitar a saída da alma”. (AZEVEDO, 1987, p. 61).

Outra grande preocupação para as pessoas era o local do seu enterro. A preferência era ser enterrado em solo sagrado. Lugar que ficava situado nas igrejas e em suas proximidades. Da mesma forma que na Europa as confrarias foram importantes para enterrar seus confrades, aqui no Brasil - principalmente em Minas Gerais durante o ciclo do ouro onde as irmandades tiveram grande influência.

As irmandades mineiras coloniais surgiram como instituições nas quais as pessoas buscavam estabelecer laços sociais e apoio mútuo. Em seus primórdios, diante de uma realidade naturalmente instável e insegura, elas serviram como ponto de apoio tanto para os indivíduos, como para os aglomerados urbanos que se formavam. Num momento em que o Estado ainda não se fizera presente, foi no interior dessas associações leigas que o habitante da região mineradora encontrou ajuda espiritual e material. Mesmo quando o Estado implantou e se consolidou, elas não perderam a sua função social (BOSCHI, 1986). Essas irmandades eram um importante local de sociabilidade e solidariedade, podendo representar negros, brancos ou pardos. Nelas, a solidariedade, muito importante no caráter geral das confrarias, se expressava com a ajuda aos membros da organização, como assistência na doença ou pobreza, exerciam encargos assistências e espirituais. Pertencer a uma irmandade era condição indispensável, mesmo depois da morte, pois nem todos possuíam sepultamento garantido (BORGES, 2005).

Havia a concepção de quanto mais próximo de locais sagrados (igrejas) seu corpo estivesse enterrado, mais próximo de Deus estaria o morto. Ser enterrado na igreja também concedia a pessoa a sensação de ser constantemente lembrado, tendo mais chance de receber orações. A distribuição espacial das sepulturas seguia uma determinada hierarquia, quanto mais importante o “irmão”, mais próximo ficava o defunto de locais de maior sacralidade (próximo ao altar ou de imagens de santos).

O cuidado, o respeito com os mortos e a preocupação com o “bem morrer” eram evidentes nas irmandades, todos participavam do culto ao morto:

Não participar do préstito fúnebre era motivo para repreensões de toda comunidade confrarial, já que uma boa morte dependia da solidariedade dos vivos. Nesse sentido, o sino das igrejas teve uma importância fundamental, funcionava como uma linguagem, transmitindo de forma rápida e eficiente a mensagem da morte do membro da família confrarial a toda a “comunidade”. Dependendo do toque, ficar-se-ia sabendo se o defunto era adulto, criança, mulher ou homem. (BORGES, 2005, p. 165).

As irmandades fazem parte de um importante período histórico da formação do povo brasileiro. O Brasil foi um país em que ocorreu um grande caldeamento étnico, sendo portuguesas, africanas e indígenas suas matrizes formadoras. Esse povo novo⁹ fortemente miscigenado gerou uma incrível cultura sincrética que pode ser observada nas mais diversas manifestações sociais. Como foi observado por (REIS, 1991), até mesmo na morte é possível notar elementos africanos e portugueses nos rituais fúnebres brasileiros, ambos tinham a ideia de que o indivíduo deveria se preparar para a morte. Tal miscigenação pode ter sido a principal formadora do catolicismo popular no Brasil.

No catolicismo popular existem diversos componentes mágicos e pagãos, podemos notar uma grande elaboração sobre o mundo dos mortos. Os que não fazem mais parte desse mundo são sistematicamente invocados, chorados e lembrados pela sociedade. Os vivos têm relações permanente com os mortos, ao rezar e interceder pelos que já morreram não estão apenas salvando a alma dos que já foram, mas estabelecendo uma relação de reciprocidade. Os vivos têm relações permanente com os mortos. E os mortos com os vivos. Os espíritos retornam assegurando continuidade da vida. As pessoas visitam, falam e sentem saudades dos mortos (DAMATTA, 1987). Em várias ocasiões os mortos podiam auxiliar aos vivos, numa relação comunicacional (BORGES, 2005, p.168).

Era costume no Brasil cercar os doentes em seus momentos finais, a morte como já foi observado, era pública, as pessoas viviam intensamente esse momento. Assim como na Europa no Brasil também ocorreu o processo de racionalização, tornando a morte um momento privado. Podemos observar diferentes atitudes diante da morte em todo o país, principalmente devido as características do catolicismo popular, mas essa discussão deve ser melhor trabalhada em pesquisas posteriores. As transformações da morte na sociedade moderna será o tema discutido no capítulo a seguir.

⁹Denominação dada por Darcy Ribeiro em O povo brasileiro.

3 A MORTE NA SOCIEDADE MODERNA

Podemos perceber as inúmeras transformações nas atitudes do homem perante a morte, tais mudanças coincidem mais ou menos paralelamente às reformulações que a própria estrutura da sociedade veio sofrendo. Muitos traços ainda lembram os costumes dos séculos anteriores, mas não com os mesmos sentidos. A morte tão presente e próxima no passado se torna vergonhosa e estranha nos dias atuais.

As mudanças nas concepções sobre a morte se devem muito aos processos de racionalização e burocratização da sociedade. No mundo moderno os conhecimentos e as técnicas se desenvolvem a um ritmo acelerado. Dando consequência ao que Weber chama de o desencantamento do mundo. A humanidade partiu de um mundo habitado pelo sagrado, pelo mágico, excepcional e chegou a um mundo racionalizado, material, manipulado pela técnica e pela ciência. O mundo de deuses e mitos foi despovoado, e sua magia substituída pelo conhecimento científico e pelo desenvolvimento de formas de organização racionais e burocratizadas.

O culto ao morto como foi descrito por Câmara Cascudo (1985) um momento de comoção social seguido por um rigoroso processo ritual, já não é realizado com tanta frequência. Antigamente após preparado o corpo, fechavam-se as janelas, acendiam-se as velas, vizinhos, amigos e familiares prestavam suas últimas homenagens junto ao morto durante as horas que antecediam ao sepultamento. Os cortejos fúnebres que antes cortavam as cidades a pé, hoje mal podem ser vistos, os automóveis se perdem no meio dos outros e o furgão funerário se identifica cada vez menos como tal. Tenta-se esconder a morte, fazendo-se com que seu tratamento seja de responsabilidade de técnicos especializados.

A religiosidade católica se mantém, mas o processo de secularização é evidente. As Igrejas são retiradas de áreas que antes estavam sob seu controle, a modernidade propõem uma tendência geral à individualização e à subjetividade das crenças religiosas.

A ruptura entre a crença e a prática constitui o primeiro índice do enfraquecimento do papel das instituições guardiãs das regras da fé. Mas o aspecto mais decisivo desta “perda de regulamentação” aparece principalmente na liberdade com que os indivíduos “constroem” seu próprio sistema de fé, fora de qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente validado. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.42).

Não estamos dizendo que as instituições religiosas perderam sua capacidade de contribuir na formação de identidades sociais, mas passa a existir uma maior autonomia do

indivíduo.

No tratamento com os moribundos e os cadáveres e no cuidado com as sepulturas é notória a mudança. Essas atividades saíram das mãos da família, parentes e amigos e passaram para especialistas remunerados. A morte se profissionalizou. A família transferiu o moribundo para o hospital, que por sua vez o transferiu morto para as empresas funerárias (RODRIGUES, 1983). O defunto passa a ser tratado como mercadoria. Hospitais e funerárias trabalham juntas, os familiares já não sabem como lidar com o corpo, não sabem quais providências devem tomar, e vêem nas empresas funerárias uma maneira rápida e fácil de resolver o seu “problema”.

Nos costumes modernos cada vez menos se tolera a presença do corpo (doente ou morto) em casa, seja por motivos de ordem higiênica, seja por falta de condições psicológicas para enfrentar a realidade, tudo isso contribui para empurrar a agonia e a morte mais que nunca para longe do olhar dos vivos e para os bastidores da vida. Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje nessas sociedades, e, nunca em condições tão propícias à solidão (ELIAS, 2001).

O corpo morto já não vai para a igreja para que aconteça a missa de corpo presente como também não é velado em casa, ele é levado para um salão funerário, conhecido nos Estados Unidos por *funeral home*. Ali é criado um novo ambiente, com regras a serem seguidas, a emoção e o choro em excesso são deixados de lado, podendo aparecer nos semblantes dos amigos e familiares mais próximos. A serenidade e tranquilidade são as “boas maneiras” a serem apresentadas neste local. O morto acolhe seus convidados, todo o traço da morte foi eliminado do seu corpo, ele já foi lavado, embalsamado, cuidadosamente vestido e maquiado. Os funcionários desses *funeral homes*, cuidam da restauração do defunto, para apagar qualquer traço de agonia e sofrimento, poupando assim os vivos e “respeitando a imagem dos mortos”.

Surgem os cemitérios-parques, com o marketing surpreendente de oferecer dignidade e conforto às famílias, já não é mais o cemitério que fazia parte do imaginário popular com suas assombrações e escuridão:

este moderno cemitério dificilmente pode ser identificado como terreno fúnebre por um passante não advertido. Ele se fantasia de parques nos quais as sepulturas são discretas, nos quais a morte é maquiada e por isso dificilmente visível em sua verdadeira fisionomia. Ele corresponde à versão moderna de imposição de silêncio à morte. (RODRIGUES, 1983, p. 195).

As celebrações em torno da morte continuam presentes no catolicismo, mas limitam-

se a certos momentos como as missas de 7º dia, de 30 dias e de 1 ano, essas celebrações ainda fazem parte do ritual de passagem e têm grande significado. Durante as missas semanais os vivos levam os nomes de seus entes falecidos, para que sejam lembrados e glorificados. Mas o ritual que cerca o moribundo e o morto já não são os mesmos, processos de reconfiguração das crenças ocorrem a todo o momento e cada indivíduo constrói o seu próprio sistema de fé. As mudanças na sociedade moderna sob influência da secularização dos valores, dos costumes e dos sentimentos são possivelmente as grandes responsáveis pelas mudanças do culto ao morto. É necessário compreender que a distribuição dessas mudanças não são uniformes sendo menos acentuadas nos meios mais tradicionais das zonas rurais e das camadas modestas e menos modernizadas da sociedade assim como em famílias mais religiosas (AZEVEDO, 1987). O “bem morrer” que pôde ser identificado durante séculos, mantendo um certo padrão ritual, nos dias atuais parece ter se perdido, tendo agora características muito pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, podemos observar que a morte sempre foi uma preocupação para os católicos. O indivíduo em vida deve se preparar para morrer, e após o seu acontecimento o homem-morto passa a se encontrar num momento de liminaridade, sua transição para o seu destino final vai depender das suas atitudes em vida e dos rituais de passagem e das celebrações desempenhadas pelos vivos em sua memória.

Os rituais foram modificados com o passar dos séculos, de início com fortes características pagãs, posteriormente ganhando moldes eclesiásticos. Inicialmente os rituais eram marcados pela lucidez do moribundo que do seu leito presidia a cerimônia, na mesma posição que sempre preparava-se para dormir, agora esperava o sono eterno. No seus últimos momentos estava cercado por várias pessoas sendo um momento público e coletivo. Hoje esse momento é privado e individual.

O “bem morrer” continuava praticamente o mesmo, mas as atitudes diante da morte foram modificando-se. A morte era vista, as pessoas que a acompanhavam sofriam mas de maneira serena, mas séculos depois os últimos momentos com o morto passa a ter a característica de um sofrimento dilacerante a emoção passa a ser quase incontrolável.

Com o início da modernização e com o desenvolvimento da medicina higienista, os mortos começam a parecer perigosos para a saúde dos vivos. A morte é afastada, cada dia é menos vista, passa a ser tratada como tabu. Só especialistas tem acesso direto a ela.

O Brasil, tratado em um dos capítulos, também passou pelo processo de mudanças, e a individualização da morte e outros aspectos relacionados ao “bem morrer” deverão ser tratados em um próximo trabalho, onde teremos como objetivo aprofundar as pesquisas em relação ao que ocorreu no país e suas especificidades.

Mesmo com o advento da modernidade a memória religiosa não foi destruída, as pessoas encontram novos e diferentes caminhos para chegar ao destino final. As atitudes foram mudando conforme as mudanças sociais, os rituais continuam mesmo que modificados, os católicos ainda se preocupam com a passagem do mundo terreno para o paraíso e a morte continua sendo o batismo definitivo, o caminho para a vida eterna.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves EDITORA S.A., 1977.
- AZEVEDO, Thales de. **Ciclos da Vida: Ritos e ritmos**. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Anúbis e Outros Ensaio, In: *Superstição no Brasil*, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.
- DAMATTA, Roberto. A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro, In: *A casa & a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- ELIAS, Nibert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. O peregrino e o convertido: A religião em Movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.
- QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos funerários e revolta popular no Brasil do século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- _____. O cotidiano da morte no Brasil Oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). **História da Vida privada no Brasil – vol. 1 – São Paulo: Cia. das Letras, p. 96-141, 1997.**
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SILVA, Rubens Alves da. Entre “Artes” e “Ciências”: A noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, nº. 24 (Jul-Dez 2005) p35-65.
- SURERUS, Christiane Hargreaves. **Ritual Fúnebre: A presença da Ausência**. Dissertação (mestrado

em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1997.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Floresta de Símbolos. Niterói: EdUFF, 2005.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

Disponível em:
<http://www.cejxxiii.com.br/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=82> – acessado em: 06/06/2011 20:03

Disponível em: <http://www.arautos.org/artigo/7368/Oracao-para-pedir-a-boa-morte.html> – acessado em: 06/06/2011 20:20

CASTRO. Estevão de. Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um cristão.